

A ciência no *Twitter* e a construção ecológica do significado: inimigos, entre defesa e ataque, entre vitória e derrota, quando podemos viver pela metáfora da guerra

Science on Twitter and the ecological construction of meaning: enemies between defense and attack, between victory and defeat, when we can live by the metaphor of war

Aurelina Ariadne Domingues Almeida

Universidade Federal da Bahia – UFBA – Salvador – Bahia – Brasil

Resumo: Apresentam-se resultados de um estudo que objetivou refletir sobre a utilização da metáfora da GUERRA na conceptualização de ciência. Pressupostos da Linguística Cognitiva, empregados a partir do estabelecimento de diálogos com autores como Lakoff (1996), Croft e Cruse (2008), Kövecses (2017), Silva (2008), entre outros, alicerçaram teoricamente a pesquisa empreendida que teve natureza qualitativa e foi realizada por meio da abordagem descritiva e interpretativa do corpus que, por sua parte, foi constituído por expressões linguísticas coletadas de postagens publicadas no *Twitter*, entre 2020 e 2022. Após a finalização do estudo, constatou-se que, nessa conceptualização metafórica, ocorreu o acionamento de diferentes *frames* do domínio da GUERRA, a exemplo de VITÓRIA e de DERROTA. O acionamento desses diversos *frames* possibilitou variação no modo de conceptualizar a ciência e na forma de materializar linguisticamente essa conceptualização.

Palavras-chave: Metáfora. Ciência. *Twitter*. Pandemia. Política.

Abstract: We present the results of a study that aimed to reflect on the use of the metaphor of WAR in the conceptualization of science. Assumptions of Cognitive Linguistics, employed from the establishment of dialogues with authors such as Lakoff (1996), Croft and Cruse (2008), Kövecses (2017), Silva (2008), among others, theoretically supported the research undertaken which had a qualitative nature and was carried out through the descriptive and interpretive approach of the corpus, which, in turn, consisted of linguistic expressions collected from posts published on Twitter, between 2020 and 2022. After the completion of the study, it was found that, in this metaphorical conceptualization, different frames of the WAR domain occurred, such as VICTORY and DEFEAT. The activation of these different frames allowed variation in the way of conceptualizing science and in the way of linguistically materializing this conceptualization.

Keywords: Metaphor. Science. Twitter. Pandemic. Policy.

1 Em marcha: as palavras iniciais

A atividade científica, na recente ecologia brasileira¹, tem motivado debates por distintas razões. Assim sendo, por uma parte, o orçamento destinado ao seu desenvolvimento sofreu cortes substanciais durante o governo de Bolsonaro. Por outra, a pandemia de covid-19 ressaltou a sua importância, em virtude da necessidade de enfrentamento dessa doença; por conseguinte, viveu-se recentemente no Brasil experiências díspares em relação à valoração dessa atividade.

Diante dessa vivência ambivalente, a ciência, entre outras possibilidades, tem sido conceptualizada em termos de guerra. Em face disto, foi empreendido um estudo, a fim de buscar compreender como a metáfora FAZER CIÊNCIA É FAZER GUERRA está sendo mobilizada pelos conceptualizadores e como a inter-relação entre experiência e cognição age na produção de variação conceptual no âmbito dessa conceptualização e ainda na sua materialização linguística.

Com a finalidade de expor as reflexões produzidas com essa investigação, este artigo, além desta *Introdução (Em marcha: as palavras iniciais)*, das *Considerações Finais (O fim do embate: as últimas considerações)* e das *Referências*, apresenta as seguintes seções: *No front teórico: a Linguística Cognitiva; Estratégias científicas: o traçado metodológico* e *O enfrentamento do corpus: os resultados*.

2 No front teórico: a Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva tem o experiencialismo como uma de suas teses centrais. A experiência, por sua parte, diz respeito à apreensão humana de algo. Essa apreensão emerge da interação do ser humano – dotado de um corpo de

dimensões bioquímica, neurológica, sensório-motora – com o mundo, constituído também por suas próprias dimensões.

Na inter-relação dessas distintas dimensões, emergem os padrões de ações corporificadas responsáveis pela capacidade humana de significar, portanto de (re)elaborar-(re)organizar os conhecimentos. E a conceptualização é o processo dinâmico da cognição que interconecta as diferentes dimensões envolvidas na (re)criação dos significados, sendo a cognição situada, distribuída para o ambiente e orientada para a ação (GONÇALVES SEGUNDO, 2017).

No processo de conceptualização, isto é, de (re)construção do significado, a pessoa conceptualizadora, com sua mente corporificada em interação com as propriedades daquilo que conceptualiza, tem papel basilar, já que os significados não lhe são dados de antemão, exatamente, porque são (re)elaborados por alguém que vivencia, em distintas esferas discursivas, experiências diversas, situadas geo-sócio-cultural-historicamente. Assim sendo, a conceptualização é uma perspectivação de algo feita por alguém (SILVA, 2008; SILVA; BATORÉO, 2016).

As distintas pessoas conceptualizadoras, assim sendo, podem implicar, diante da mesma experiência, envolvendo os mesmos agentes, modelos cognitivos idealizados diversos, já que é possível gerar, ainda que todos os seres humanos tenham o mesmo corpo e que disponham dos mesmos mecanismos cognitivos, mundos distintos, isto é, modos alternativos de conceptualizar algo.

Essas formas alternativas de conceptualização, que podem ser chamadas de Perspectivação Conceptual – *Construal* – (SILVA; BATORÉO, 2016), decorrem da capacidade do ser humano de perspectivar, de empreender sempre uma escolha, ao falar ou ao escrever sobre algo. Então, para uma experiência qualquer, há diferentes perspectivações conceptuais disponíveis e, diante disto, o falante-escrevente fará sua opção.

Não se trata, porém, de uma simples escolha, visto que a formulação da realidade pela

¹ Aqui o conceito de ecologia é compreendido de uma forma mais ampla do que a usual; é entendido tal como o apresenta Capra (2002 [1996]), ao se reportar a uma visão holística/ecológica profunda do fazer científico que concebe o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas, de tal sorte que ocorre uma interdependência fundamental de todos os fenômenos.

peessoa conceptualizadora estará intrinsecamente relacionada aos propósitos dos seus interlocutores, bem como aos seus próprios objetivos, de modo que a perspectivação conceptual serve aos intentos humanos individuais-coletivos.

Além disso, a natureza do real restringe a perspectivação conceptual; beneficia uma em prejuízo de outra(s) e ainda há as convenções sócio-histórico-culturais-ideológicas que limitam as perspectivações conceptuais associadas aos usos linguageiros. Logo, como aqui já observado, não se trata meramente de uma escolha (GONÇALVES SEGUNDO, 2017).

Independentemente dessas restrições impostas pelo indivíduo-sociedade-realidade, as maneiras alternativas de conceptualizar algo abarcam operações que se encontram em conformidade com capacidades cognitivas. Dentre essas operações, destacam-se aqui algumas atreladas à capacidade humana de julgamento/comparação – metáfora – e de atenção/proeminência – seleção/perfilado e domínio de atenção.

Conforme assinalam Croft e Cruse (2008), a metáfora é uma operação de julgamento/comparação que permite compreender um conceito parcialmente em termos de outro; liga-se à estratégia de enquadramento, portanto é resultado do cruzamento entre comparação/julgamento e enquadramento. Por ser uma correspondência entre conceitos que transcende domínios – áreas de conhecimento que servem de base à significação de uma unidade da cognição expressa linguisticamente (LANGACKER, 1987) – a metáfora torna possível que modos de raciocinar, de falar e de escrever sobre um domínio sejam empregados em outro (LAKOFF, 1996).

A materialização de uma metáfora por meio da linguagem é chamada de expressão metafórica (LAKOFF; JOHNSON, 1980). As expressões metafóricas são pontos de acesso ao conhecimento de fundo; são instruções que orientam a atenção da pessoa conceptualizadora para certas categorias e referentes, bem como para determinados modos de relacioná-los e isto inclui a organização em domínios e *frames* (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017). Palavras

e outras expressões linguageiras tornam possível a quem conceptualiza acessar o domínio ao qual essas se associam, mas uma palavra ou outra expressão da linguagem apenas possibilita o direcionamento da atenção para uma parte desse domínio, isto é, para um de seus *frames*.

A metáfora, como já visto, implica a existência de domínios postos em relação – um, chamado de domínio-fonte – mais próximo da experiência físico-material, mais concreto e conhecido –, e outro, denominado domínio-alvo –, mais próximo da experiência psíquico-emocional, mais abstrato e desconhecido. O primeiro é a origem da estrutura conceptual que é parcialmente mapeada para o segundo.

Os domínios podem ser entendidos como *frames*; assim, essas duas estruturas de conhecimento podem ser tomadas uma pela outra, como destacam Croft e Cruse (2008). No entanto, Kövecses (2017) propõe diferenciá-las, considerando que as primeiras são mais esquemáticas do que as segundas, pois essas últimas envolvem mais informações conceptualmente específicas (ALMEIDA, 2020). É, então, possível afirmar que os domínios são esquematizações da experiência armazenadas na memória e que unem, em rede, diferentes conceitos relacionados, os *frames* e os seus elementos.

A metáfora, por exemplo, FUTEBOL É GUERRA, tem um domínio-fonte que se constitui por diferentes *frames*, como INIMIGO (“*PVC crava Flamengo favorito em final da Copa do Brasil, mas aponta principal inimigo do clube*”²), ARMA (“*Análise: “estilo Aguirre” vira arma do adversário [...]*”³), VITÓRIA e AÇÃO BÉLICA (“*A conquista [...] animou os argentinos na luta pelo tricampeonato da Copa do Mundo*”⁴). Esses *frames* juntos possibilitam pensar-agir/falar-escrever sobre o futebol em termos bélicos.

² Disponível em: <https://mundorubronegro.com/flamengo/pvc-crava-flamengo-favorito-final-copa-brasil-aponta-principal-inimigo-clube/> Acesso em: 10 out. 2022.

³ Disponível em: <https://ge.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/analise-estilo-aguirre-vira-arma-do-adversario-e-inter-busca-ultimo-suspiro-para-salvar-ano.ghtml> Acesso em: 10 out. 2022.

⁴ Disponível em: <https://www.comexdobrasil.com/quem-ira-vencer-a-copa-do-mundo-de-2022-o-brasil-como-sempre-figura-entre-os-grandes-favoritos/> Acesso em: 10 out. 2022.

Os *frames*, por seu turno, são formados por distintos elementos, portanto, um *frame*, a exemplo de INIMIGO é formado por elementos, como invasor (“*Deyverson, um dos substitutos, invade o campo de jogo [...]*”⁵) e guerreiro derrotado (“*Derrota mais dura da minha carreira*”, Diz Victor Ferraz, após goleada sofrida pelo Náutico⁶). Os elementos dos *frames* de um domínio-fonte podem ser mapeados no processamento de uma conceptualização metafórica; isto decorre do fato de domínios e *frames* implicarem também outras operações de conceptualização, para além da própria metáfora.

No que concerne às operações associadas ao processamento metafórico, especificamente, às operações relativas à atenção/proeminência e, ainda mais particularmente, aos aspectos atinentes ao sistema de atenção, encontra-se a operação de seleção que, por sua parte, é o ajuste focal que demanda a capacidade de prestar atenção aos aspectos relevantes da experiência e ainda de ignorar aqueles irrelevantes.

Nesse sentido, por exemplo, perfilar um conceito, no âmbito de um domínio (base) semântico, é uma ação de seleção (CROFT; CRUSE, 2008). Afinal, perfilar é o processo de seleção de um aspecto (perfil) de um domínio (base), a exemplo de *primeiro tempo* que perfila uma subestrutura do domínio (base) *jogo de futebol*. Ainda sobre isto, Croft e Cruse (2008) observam que, na maior parte dos casos, são as diferentes palavras de um domínio(base)/*frame* que direcionam a atenção de quem conceptualiza aos distintos elementos desse domínio(base)/*frames*, como ocorre com *juiz, penalidade, cartão amarelo*, no domínio (base), *arbitragem*.

Um segundo aspecto da atenção diz respeito ao fato de o foco de atenção – aquilo que é selecionado – se encontrar cercado por uma área de atenção, isto é, por uma periferia de conhecimento,

onde as entidades estão acessíveis à atenção. É possível pensar a área de atenção em termos de domínio, portanto, de um modo mais geral, é viável entender que o domínio pode ser acessado por um ponto de referência que funciona como foco de atenção – inicial (CROFT; CRUSE, 2008), por exemplo, *futebol* possibilita acessar o domínio ESPORTE.

Como observa Silva (2019, p. 20), “o perfil é o que a expressão designa como entidade conceptual e a base é a estrutura conceptual que providencia o contexto essencial para a conceptualização da entidade perfilada”; assim sendo, seleção e área de atenção são dimensões inter-relacionadas fundamentais ao processo de conceptualização.

Feita esta sumária exposição acerca do aparato teórico que sustentou o estudo do corpus realizado, na sequência, serão abordados os pressupostos metodológicos que possibilitaram alcançar as reflexões aduzidas na seção *O enfrentamento do corpus: os resultados*.

3 Estratégias científicas: o traçado metodológico

Para realização da investigação empreendida, acerca da conceptualização de ciência em termos de guerra na ecologia político-pandêmica antes descrita, sustentada pelo norte teórico da Linguística Cognitiva, metodologicamente, foi adotada a perspectiva qualitativa do fazer científico, com abordagem descritiva e interpretativa do corpus que, por sua parte, foi constituído por postagens coletadas do *Twitter*.

A referida rede social foi selecionada para proceder ao levantamento do corpus, por ser levado em consideração que expressões da linguagem que instanciassem conceptualizações metafóricas, produzidas por usuários dessa rede, poderiam refletir os modos de conceptualizar e a variação da conceptualização de ciência nesses termos bélicos, já que refletiriam uma pluralidade de perfis sócio-político-ideológicos e, por isso, poderiam a favorecer

⁵ Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/renataruel/797781_polemica-no-gol-do-palmeiras-o-que-diz-a-regra-sobre-deyverson-dentro-de-campo-no-lance-que-decidiu-semifinal-da-libertadores Acesso em: 10 out. 2022.

⁶ Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/nautico/noticia/2022/10/14/derrota-mais-dura-da-minha-carreira-diz-victor-ferraz-apos-goleada-sofrida-pelo-nautico.ghtml> Acesso em: 10 out. 2022.

uma melhor compreensão sobre os distintos modos de significá-la.

Depois de delimitados a rede social e o gênero postagem, foram definidos os anos de 2020 a 2022, como lapso temporal para proceder à coleta desse material textual na referida rede. Essas delimitações foram feitas, ao ser ponderado que, apesar de as políticas de cortes de investimento na ciência se deverem ao governo Bolsonaro, empossado em 2019, a pandemia de covid-19 apenas se instaurou no Brasil a partir de 2020, de tal sorte que a concomitância desses dois eventos deu-se exclusivamente a partir desse último ano até 2022, momento da escrita deste artigo. Daí a justificativa do recorte temporal feito.

O acesso às postagens do *Twitter* que versassem sobre ciência se deu através da inserção da palavra *ciência*, no motor de busca dessa rede social. O resultado alcançado revelou que os internautas estão conceptualizando recorrentemente a ciência em termos de guerra, mas também demonstrou outras conceptualizações metafóricas, a exemplo de FAZER CIÊNCIA É FAZER ARTE, que não foram levadas em consideração no estudo, pois seu objetivo estava centrado na conceptualização de ciência em termos bélicos, como já indicado anteriormente.

Diante desses achados, foi ponderada a necessidade de refinar a busca no motor do *Twitter* e, por isto, foram realizados novos levantamentos respectivamente com a inclusão das palavras *pandemia*, *covid-19*, *novo coronavírus*, *SARS-Cov-2*, *investimento*, *política* junto de *ciência*. Isto foi feito com a finalidade de ampliar o acesso a expressões metafóricas reveladoras da conceptualização em pauta. Essa procura revelou 36 postagens com a presença de expressões metafóricas de ciência em termos de guerra.

Conforme as postagens eram acessadas, foi sendo procedida à leitura de cada texto e, durante essa leitura, foram sendo excluídos os *posts* acessados que instanciavam conceptualizações da ciência em termos de guerra, mas sustentadas pelo mecanismo da ironia, de modo que foram excluídas

10 ocorrências construídas com base nesse mecanismo. Essa exclusão foi feita, porque demandaria a expansão da discussão teórico-analítica, já que seria necessário abordar questões de ordem pragmática que se situam além do escopo teórico que sustentou a escrita deste artigo, bem como ampliaria consideravelmente a sua seção analítica.

Também foram excluídas postagens que traziam expressões metafóricas da ciência conceptualizada em termos de guerra, mas que não se inscreviam na ecologia político-pandêmica. Assim, foram retiradas 2 ocorrências do material textual a ser estudado.

Ademais, foram excluídos *links* que remetiam a outros textos, de sorte que foi coletado exclusivamente o *post* produzido pelo internauta-conceptualizador, desprezando, entre outros, os textos do domínio discursivo jornalístico, como reportagens, produzidos por outros conceptualizadores, mas passíveis de serem acessados através dos referidos *links* inseridos nas postagens.

No que concerne à preparação do material textual selecionado para constituir o corpus, inicialmente, como antes já assinalado, cada postagem foi lida, e, a partir dessa leitura, itens léxicos e outras construções da linguagem nortearam a identificação dos elementos dos *frames* do domínio da GUERRA. Conforme essa identificação ia sendo feita, concomitantemente, iam sendo realizadas reflexões acerca da conceptualização de ciência nesses termos.

Sobre a organização dos resultados, as ocorrências serão apresentadas, na próxima seção, a partir dos *frames* identificados e selecionados, quais sejam: INIMIGO, VITÓRIA, DERROTA, DEFESA e ATAQUE. Apesar de terem sido localizados outros *frames*, nomeadamente, LUTA e PORTA-VOZ, os resultados obtidos a partir do estudo desses outros *frames* não serão aqui aduzidos, devido ao espaço delimitado à escrita de um artigo científico. Assim sendo, não foram expostos resultados atinentes 6 ocorrências desse primeiro *frame* e 2 desse segundo.

Ainda no que diz respeito à exposição dos resultados, seguindo a referida organização por *frame*, grafados em versalete, as 16 ocorrências dos *frames* selecionados serão expostas em ordem numérica crescente e em algarismo arábico; o itálico será empregado para evidenciar as expressões metafóricas; a ortografia e a acentuação serão expostas como feitas nas postagens. Além disso, entre parênteses, será inserida uma abreviatura, proposta para proteger a identidade dos autores, bem como será incluída a data do *post*, para que a cronologia das conceptualizações possa ser acompanhada.

Delineado o percurso metodológico, na sequência, segue a apresentação dos resultados.

4 O enfrentamento do corpus: os resultados

Na dimensão da experiência humana, a guerra, como sabido, resulta de conflitos entre povos de países distintos ou ainda de um mesmo país; ocorre quando não é mais possível a criação de políticas que dirimam esses embates.

Já na dimensão conceptual, o domínio da GUERRA é, como os demais domínios, uma área de conhecimento tomada de base para significação das unidades da cognição que se expressam pela linguagem; é formado por diversos *frames* com seus elementos e elaborados ao longo do tempo, como já posto na seção teórica deste artigo.

Em particular, esse domínio é resultante da ampla experiência humana com situações belicosas a partir da qual é produzido o conhecimento que, armazenado na memória de longo prazo, pode ser acionado pela pessoa conceptualizadora, quando necessário, para entender outros domínios diferentes de GUERRA, como o domínio do FUTEBOL e, como será visto a seguir, o da própria CIÊNCIA.

Na ecologia da covid-19 e da política do governo Bolsonaro, a ciência pôde ser compreendida como um país que batalhou contra forças antagônicas de outros países; também pôde ser entendida como civis indefesos que precisavam de proteção militar, entre outras possibilidades favorecidas pelo

acionamento de elementos de *frames* do domínio da GUERRA, a depender de para onde o foco de atenção da pessoa conceptualizadora direcionou-se, no momento da conceptualização.

Para demonstrar a variação na conceptualização de ciência, gerada a partir da metáfora FAZER CIÊNCIA É FAZER GUERRA, bem como a sua materialização na linguagem, a seguir, serão expostas reflexões elaboradas com base no estudo do corpus e conforme os procedimentos científicos indicados na seção metodológica deste texto.

INIMIGO

O acionamento do *frame* INIMIGO para a compreensão de ciência em termos de guerra implica a existência de duas partes que se enfrentaram, se enfrentam ou se enfrentarão em um confronto bélico, usando as armas disponíveis, com a finalidade de vencer o embate, para conseguir algo.

Em (01), a ciência é compreendida como um país em guerra contra outro país inimigo que, por sua parte, é instanciado pela expressão linguística *CDC de Rancho Queimado*; por conseguinte, há, nessa postagem, duas forças oponentes em combate:

(01) Todo o país aguarda ansioso o *confronto entre Instituto Butantan e o CDC de Rancho Queimado. Quem vencerá a batalha? Ciência com método e amostras de pesquisa relevantes ou zap da hidroginástica* do centro de tradições europeias do Uruguai do Norte? #CPIdaCovid [...] (LG, 27.05.2021).

Além disto, *método e amostras de pesquisa* são compreendidos como as armas da ciência, enquanto as do seu oponente são as mensagens de *WhatsApp*. Apesar de perfilar as armas dos adversários, não há vencedores ou perdedores perspectivados nesse *post*, pois apenas os agentes beligerantes com seu respectivo armamento e a existência de uma batalha, projetada para futuro, são focalizados pelo internatuta-conceptualizador.

VITÓRIA

Entre os *frames* constituintes do domínio da GUERRA, localiza-se, além de INIMIGO, o *frame* VITÓRIA que, por sua parte, implica, entre outros elementos menos salientes, embate(s) entre pelo menos dois oponentes, algo pelo qual se travam batalhas, onde se usam armas para que seja alcançado, em um espaço e tempo, o triunfo militar. Apesar de implicar conceitos correlatos, nesse *frame*, o foco de atenção é posto no guerreiro vitorioso, já que o sucesso bélico é o elemento perfilado da base conceptual.

Diferentemente do que ocorreu em (01), em (02), a vitória da ciência é perspectivada, assim como também é focalizado o fruto de sua conquista, no caso em tela, a vida, mas o oponente, ou seja, a parte perdedora, não é perfilada, ainda que possa ser inferida, por se encontrar na área de atenção de conceptualização, ou seja, por fazer parte da periferia do conhecimento sobre a ecologia dessa doença pandêmica, bem como da política do governo central vigente, quando a postagem foi feita:

(02) *A ciência venceu essa batalha pela vida!* Obrigado cientistas brasileiros! Vocês são gigantes! (DC, 17.01.2021).

Em (02), os agentes da ciência, os cientistas, são requeridos, contudo não são compreendidos como guerreiros, já que são vistos como seres fabulosos de estrutura colossal, fugindo assim do escopo do estudo empreendido.

Já em (03), os agentes beligerantes – de um lado, a ciência, e, do outro lado, a covid-19 e ainda o negacionismo – são perfilados. Logo, não há apenas um adversário, mas dois, o que torna possível entender que a ciência trava uma guerra contra uma força poderosa, já que seus oponentes se aglutinaram para combatê-la.

No confronto, apesar dessa amálgama bélica, a ciência, mais uma vez, sai vencedora ao alcançar a derrota dos seus inimigos, e o esquema vacinal é compreendido pelo internauta-conceptualizador como a arma que proporciona essa conquista. Em (03), inclusive, o foco de atenção de quem conceptualiza é

direcionado para essa arma usada para vencer o confronto.

Isto posto, do ponto de vista da realização linguística dessa conceptualização, diferentemente de (02), em que não ocorre a materialização do agente bélico adversário da ciência, agora, em (03), seus oponentes são expressos pelo uso da sigla *covid* e do item léxico *negacionismo*:

(03) Mais de 78% da população brasileira completou o *esquema vacinal contra a covid*. *A ciência venceu o negacionismo*. Viva o SUS! (EM, 15.08.2022).

Se em (03) a batalha não foi perfilada, isto acontece em (04). Além disto, assim como em (03), em (04), o oponente da ciência, materializado linguisticamente, é o negacionismo, porém aqui o outro oponente, a covid, não está no foco de atenção da pessoa conceptualizadora, de modo que pode tão somente ser inferido, por fazer parte da periferia de conhecimento sobre a pandemia e sobre a política do governo central do Brasil, no momento da postagem. Outra vez, a ciência alcança a vitória no embate, e a vacina, também, mais uma vez, é vista a arma que possibilita o triunfo:

(04) Hoje eu só quero celebrar as *100 milhões de pessoas vacinadas*. Desde de 15 de janeiro uma *batalha insana contra o negacionismo tem sido travada*. Esse número traduz a *vitória da ciência* em meio ao caos. *E vamos continuar vacinando e aumentando esse número*: “Para o alto e avante!” (EM, 13.10.2021).

A vacinação de milhões é a conquista da ciência e, de forma distinta das postagens abordadas até aqui, em (04), o foco de atenção do internauta-conceptualizador é ainda direcionado para a comemoração do triunfo (“*hoje eu só quero celebrar as 100 milhões de pessoas vacinadas [...]*”), de modo que ocorre, nessa conceptualização, o acionamento do elemento celebração que compõe o *frame* VITÓRIA.

⁷ Para o *alto e avante* é uma expressão usada pelo Superman. Assim sendo, seu uso revela a conceptualização dos agentes da saúde em termos de super-heróis/guerreiros, como já demonstrou Vereza (2020).

Se nas postagens enfocadas anteriormente, a ciência está sozinha nos combates contra seu(s) adversário(s), em (05), os seus aliados são perspectivados. Materializados linguisticamente, a ciência, o SUS e as Universidades vencem outro conflito bélico, mas, agora, no espaço social, isto é, na *batalha da opinião pública*. Nesse caso, a força antagônica já não é a covid-19, como em (02) e (03), ou o negacionismo, como em (03) e (04), mas é o Governo Federal:

(05) *SUS, ciência e universidades ganham a batalha da opinião pública e saem valorizados da pandemia, a despeito dos esforços do governo federal para desmontar o país [...]* (DB, 30.08.2021).

Mais uma vez, o foco de atenção é posto na vitória, porém, agora, as armas da ciência não são focalizadas, como em outras postagens, a exemplo de (03).

A vitória também é perspectivada, em (06), contudo, nesse caso, o foco de atenção é colocado na delimitação temporal da conquista, isto porque se trata de um triunfo temporário, já que o *vírus*, oponente militar da ciência, tem ganhado outros combates por meio de determinadas armas (a *desigualdade social* e a *imbecilidade*).

Além disso, nessa conceptualização, o uso do topônimo *África do Sul* demonstra a seleção do espaço bélico, de forma a demonstrar que a atenção do internauta-conceptualizador se volta para o local físico onde se travam as lutas, diferentemente de (05) em que espaço social (*batalha da opinião pública*) é selecionado:

(06) *A África do Sul, onde apareceu a nova variante, tem só 35% da população vacinada com 2 doses. A ciência venceu essa batalha, mas a desigualdade social e imbecilidade ainda dão vitórias ao vírus* (AL, 26.11.2021).

Pelo exposto até aqui, é possível constatar que a ciência, no âmbito da experiência humana emergente na ecologia político-pandêmica brasileira, mesmo enfrentando forças poderosas e aliadas – a *covid19*, o *vírus*, o *negacionismo* e o *governo federal* –, é conceptualizada como a parte vencedora dos

confrontos travados. Além disto, as postagens demonstram que, embora acionado um mesmo *frame* do domínio da GUERRA, as perspectivas conceptuais alternativas, atreladas à seleção de distintos elementos do *frame* VITÓRIA, possibilitam também o uso de uma linguagem variável para tratar das conquistas da ciência e das derrotas dos seus inimigos.

DERROTA

O domínio da GUERRA é constituído ainda pelo *frame* DERROTA que, assim como VITÓRIA, implica, entre outros elementos periféricos, embate(s), oponente(s), armas, aquilo pelo que se luta, em um espaço e tempo; todavia, nesse caso, o foco de atenção de quem conceptualiza é direcionado para o perdedor que é perfilado da base conceptual, ainda que conceitos correlatos possam ser acionados esporadicamente.

Esse *frame* é, então, formado por variados elementos que podem ser focalizados no ato de conceptualizar, em um jogo de os desvelar e os encobrir. Essas diferentes possibilidades de proceder a ajustes focais tornam possível a variação conceptual e, em consequência, a variação na linguagem produzida sobre a pandemia vista como uma guerra.

É a existência do elemento perdedor que torna possível conceptualizar a ciência nesses termos, diante da experiência de cortes e/ou falta de investimentos; isto gera variação na sua conceptualização no tempo presente, especificamente, entre os anos 2020 e 2022 e no ambiente sócio-político-ideológico brasileiro, possibilitando sentidos ambivalentes para a ciência. Afinal, no mesmo espaço em que a ciência pode ser compreendida como a parte vencedora de uma guerra, como visto de (02) a (06), pode também ser entendida como quem a perde, como será apresentado em (07) e em (08).

Se a experiência com a pandemia de SARS-CoV-2, como visto com o acionamento do *frame* VITÓRIA, viabilizou a compreensão da ciência como a parte vencedora de batalhas contra esse vírus, contra

a covid-19, contra o negacionismo e até mesmo contra o governo brasileiro vigente na época das postagens, a forma como a ciência é entendida muda, como aqui já anunciado, quando a ciência é conceptualizada no ambiente das experiências vivenciadas com políticas públicas para o desenvolvimento da educação, enfim, para o incremento da própria ciência; assim sendo, essas experiências distintas propiciam a sua conceptualização como a parte derrotada nos combates:

(07) ABSURDO! Nossos dados do censo são de 2010, indo pro 11º ano de defasagem, o que compromete UM MONTE de pesquisa de diversas áreas. Como vamos propor políticas públicas dessa forma? É a ciência brasileira perdendo mais uma batalha pra esse governo. 90% de corte, isso NÃO EXISTE (GA, 22.03.2021).

(08) #NaoAoPL529 A ciência não pode perder mais essa batalha! (GP, 26.08.2020).

O oponente da ciência é, em (07), a administração central do Brasil, instanciada pelo item léxico *governo*; já, em (08), a força adversária do fazer científico é o governo estadual, especificamente, o do estado de São Paulo que, inclusive, não aparece materializado por um item léxico, de sorte que apenas é possível inferir que a instância governamental paulista seja o oponente da ciência, através do uso da *hashtag* #NaoAoPL529 constante da postagem⁸. Nessa experiência bélica, os seus adversários atingem o sucesso no campo de batalha.

Ademais, nessas postagens, são perspectivadas as suas perdas recorrentes para esses oponentes (“[...] a ciência brasileira perdendo mais uma batalha [...]”, em (07), “[...] A ciência não pode perder mais essa batalha!”, em (08)).

Nos dois casos em tela, a luta da ciência é pela sua própria manutenção, devido aos cortes de verbas, compreendidos como armas de ataque lançadas pelos governos federal e estadual paulista, para atingi-la. A diminuição dos investimentos em

pesquisa é materializada linguisticamente, em (07), pelo uso do item léxico *corte* e pode ser inferido, em (08), através do uso da citada *hashtag* que, metonimicamente, permite acionar essa redução do capital investido no labor científico.

Como visto até aqui, as diferentes experiências vividas no âmbito da ciência no contexto da pandemia de covid-19 e da política central brasileira vigente na época das postagens requerem a mesma metáfora da guerra com os seus mapeamentos convencionais, mas o ajuste focal, nas diferentes conceptualizações, possibilita ressaltar uns elementos dos *frames* e encobrir outros, o que proporciona a variação conceptual e da linguagem. Logo, essa variação linguageira será possível pelo preenchimento linguístico *online* dos padrões semânticos atinentes a cada um dos *frames* e dos seus elementos acionados e esse preenchimento é motivado pelas experiências vividas, portanto acontece exatamente quando o ser humano produz linguagem, buscando concomitantemente entender o que vive e agir no mundo com essa linguagem que produz.

DEFESA

No domínio da GUERRA, o *frame* DEFESA implica, entre outros elementos menos salientes, estratégias de defesa, armas de defesa e guerreiros, que, em um espaço e tempo, se defendem de ataques, ao lutarem por algo e/ou por alguém.

O acionamento desse *frame* é resultado do direcionamento da atenção da pessoa conceptualizadora não apenas para quem se defende de outrem em situação de guerra, mas também para quem é o alvo da defesa e ainda para os aparatos disponíveis para guerrear, bem como para os procedimentos que podem ser empregados, quando se resguarda da ação bélica de um oponente, visando, além da vitória, à manutenção da própria vida e da de quem protege.

No post (09), produzido na ecologia da política eleitoral em tempos pandêmicos, a ciência aparece conceptualizada, junto das universidades e

⁸ Conforme o jornal da USP: “O Projeto de Lei 529 [...] retira recursos do caixa das três universidades estaduais paulistas, redirecionando-os ao orçamento do governo do Estado de São Paulo em 2021 [...]”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/o-pl-529-prejudica-a-ciencia-paulista/> Acesso em: 15 ago. 2022.

da cultura, em termos de uma população civil que carece de proteção militar. Inclusive, nessa postagem, são empregados itens léxicos que instanciam elementos do *frame* DEFESA (*defesa/defender e combater*); isto, porque a própria política pode, também, ser conceptualizada em termos bélicos:

(09) Meu número é 4013. Sou candidata a deputada federal, em *defesa da ciência, das universidades e da cultura*. Vou *combater todas as formas de negacionismo* e colocar as mudanças climáticas no centro da agenda. *Defenderei* a renda básica e uma boa reforma tributária. Conto com você! (TR, 16.08.2022).

Em (09), a candidata a deputada federal (“*Meu número é 4013*”) autoconceptualiza-se em termos de uma guerreira e todas as formas de negacionismo são compreendidas como os seus oponentes (“*Vou combater todas as formas de negacionismo*”). Apesar de se autoconceptualizar como alguém que combate pela ciência, as armas e as estratégias de defesa a serem empregadas nesse enfrentamento bélico não são perspectivadas.

Ainda no contexto eleitoral do corrente ano de 2022, a ciência, em (10), diante das mesmas forças antagônicas do negacionismo e ainda dos adeptos do terraplanismo, é vista como alguém ou mesmo como um país que precisa de proteção militar:

(10) Lamento Sr Pontes, mas não. Foi um inútil como ministro, não conseguia sequer *defender* o óbvio para os alucinados terraplanistas, *não defendeu a ciência frente ao negacionismo* e como astronauta o maior feito foi ser garoto propaganda de travesseiro. Então não, obrigado. (AM, 15.08.2022).

Em (10), o elemento comandante de guerra (“*Sr Pontes [...] ministro*”) é requerido do *frame* DEFESA; esse comandante deveria defender a ciência de forças beligerantes, mas foi reconceptualizado como alguém que falha em sua obrigação de defesa (“foi um inútil como ministro *não conseguia sequer defender* o óbvio para os alucinados terraplanistas, *não defendeu a ciência [...]*”). Logo, apenas o seu fracasso é focalizado; com isto, é encoberta uma série de conceitos da base conceptual, a exemplo, de armas e de estratégias de defesa, isto

porque a seleção da atenção do internauta-conceptualizador é posta no fracasso daquele que deveria ser o estrategista a vencer a guerra.

Já em (11), o foco de atenção da pessoa conceptualizadora é direcionado para a recompensa daqueles que são entendidos como defensores da ciência, que, por sua vez, é compreendida em termos de alguém desprotegido, mas, ao mesmo tempo, como uma pessoa leviana por fazer promessas vãs:

(11) Um dos problemas de apostar numa *visão consumista da ciência é que as pessoas só vão defender a ciência quando ela estiver prometendo 1001 coisas que vão deixar a vida melhor ou mais prazerosa no curto prazo ou realizar sonhos de ir pra Marte e abraçar felinos silvestres...* (AL, 12.08.2022).

O foco de atenção, em (11), volta-se para os benefícios que a ciência oferece àqueles que se dispõem a agir condicionalmente para protegê-la (“*[...] as pessoas só vão defender a ciência quando ela estiver prometendo 1001 coisas [...]*”). Assim sendo, o elemento recompensa é requerido do *frame* DEFESA; com isto, aqueles que se disponibilizam a batalhar pela ciência são compreendidos em termos de guerreiros imorais, já que a defesa que impetrariam só seria empreendida devido às compensações asseguradas pela também imoral ciência. Ao ressaltar esse elemento, outros elementos, inclusive, mais salientes, a exemplo dos agentes da contenda, são encobertos.

Já em (12), é requerido o elemento estratégia de guerra e a quarentena é entendida como operação bélica que garantiria a vitória da ciência no campo de batalha. Aqui, o foco de atenção também é colocado nos guerreiros (“*essa turma*”), compreendidos, da mesma forma, como imorais, porque ferem códigos de guerra (“*não adianta muito defender a ciência e furar uma coisa dessa*”), por não agirem em conformidade com o planejamento bélico elaborado contra o inimigo comum: o SARS-CoV-2 ou o novo coronavírus:

(12) Gente e essa turma furando a quarentena para visitar namorado/namorada?? É sério ou é meme? *Não adianta muito defender a ciência e furar com uma coisa dessa* (VO, 05.07.2020).

Se, em (11), a ciência, a partir de estratégias imorais, consegue provocar pessoas, também imorais, para defendê-la; em (12), o elemento autodefesa é encoberto, de forma a evidenciar que, nas conceptualizações, quando é acionado o *frame* DEFESA, a ciência pode ser compreendida como alguém que precisa de outrem para protegê-la.

ATAQUE

Mais uma vez, as experiências com a política e com a pandemia de covid-19 motivam conceptualizações instanciadas por expressões metafóricas constantes de postagens do *Twitter*, mas agora ATAQUE é o *frame* requerido para essas conceptualizações e isso possibilita uma compreensão da ciência de uma maneira distinta, se comparado ao enquadramento feito, por exemplo, com o acionamento do *frame* DEFESA.

Esse novo *frame* acionado implica, entre outros elementos, estratégias de ataque, armas de ataque e oponentes, que pelejam por algo; um que ataca, outro que se defende, sendo que, no caso em questão, a focalização é feita na ação ofensiva de alguém contra outrem, diferentemente do que ocorre, por exemplo, quando DEFESA é requerido, como já demonstrado anteriormente.

Com o acionamento de ATAQUE, a ciência passa a ser entendida como alguém que experiencia, em uma situação de combate, uma força que se dirige em sua direção com a finalidade combatê-la, enfim, de derrotá-la, como deixa patente os usos linguageiros expressos em (13), (14) e (15):

(13) Pela falta de diálogo Pelo mau caráter Pela incompetência Pela falta de transparência Pela ignorância de *ir contra a ciência* Pelas vidas fatais da COVID EU NÃO VOTO NO BOLSONARO (RA, 16.08.2022).

(14) *Foi contra a ciência durante a pandemia*, não montou um comitê de crise para gerir o país à época, só colocou incompetentes em quase todos os ministérios (exceção do Tarcísio, que sim, fez um bom trabalho). Interfere na PF para defender os filhos, não respeita... (MP, 12.08.2022).

(15) Desde 2018, falamos sobre *o perigo de um governo que é contra a ciência e*

pesquisa. No início de 2019, quando *a ciência e a pesquisa sofreram ataques juntos com as universidades públicas, parte da população zombou e fez memes*. Esse ano estamos pagando um alto preço por isso+ (RR, 01.05.2020)

Ocorre, nesses casos, a perspectivação daquele que pratica a ofensiva contra a ciência, nomeadamente, o presidente do Brasil; a força beligerante presidencial é materializada linguisticamente, em (13), por meio do uso de um sobrenome, *Bolsonaro*, e, em (15), pelo emprego do item léxico *governo* que, em última instância, aciona, metonimicamente também o chefe do executivo do país, porém, em (14), não houve materialização linguística dessa força oponente. No entanto, é possível acioná-la, através de uma inferência metonímica (AÇÕES POR QUEM PRATICA AÇÕES), já que são listadas uma série ações praticadas pelo presidente e, como o mandatário brasileiro e suas ações estão na área de atenção de conceptualização, por fazerem parte do domínio experiencial político-pandêmico do Brasil, são requeridos por quem conceptualiza essa vivência, como demonstrado em (14).

Em (16), a ciência é entendida como alguém que deveria contar com um protetor natural, mas esse defensor, reconceptualizado, passa a ser visto como alguém que trai a sua confiança, portanto passa a ser compreendido como um guerreiro imoral que rompe com o código de honra bélico. Assim sendo, traidor, um conceito correlato à ataque, no âmbito do domínio da GUERRA, é acionado pelo internauta-conceptualizador para essa conceptualização:

(16) *Quando quem deveria defender a ciência atenta contra ela*, dando munição a todos os ataques atuais. Triste demais [...] (RC, 16.08.2022).

Em (16), além do conceito traidor, os elementos ação ofensiva ("*atenta contra ela*") e arma ("*dando munição*") são requeridos, de tal forma que a ciência é compreendida como alguém que precisa de defesa, porque já sofreu uma ofensiva armada do seu traidor. O foco de atenção é direcionado ainda para a totalidade e para a delimitação temporal das

investidas bélicas (“*todos os ataques atuais*”) daquele que atraiçoa a ciência.

Isto posto, a seguir, será apresentado um quadro com uma síntese do que foi exposto nesta seção dedicada ao estudo do corpus:

Quadro 1: Conceptualização do fazer científico em termos do fazer guerra: mecanismos conceptuais, expressões linguísticas e experiências

METÁFORA				
FAZER CIÊNCIA É FAZER GUERRA				
DOMÍNIO	FRAMES	ELEMENTOS	EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS	EXPERIÊNCIAS
GUERRA	INIMIGO	Adversário	[...]CDC de Rancho Queimado[...]	Vivências com a pandemia de covid-19
		Arma	[...] Zap da hidroginástica [...]	
	VITÓRIA	Vencedor	[...] Ciência [...]	Vivências com a pandemia de covid-19
		Fruto da vitória	[...] Vida [...] [...] Vacinar (vacinação, vacinado)	
		Oponente	[...] Covid [...] [...] Vírus [...] [...] Negacionismo [...] [...] Governo Federal [...]	
		Arma	[...] Esquema vacinal (vacinando, vacinado) [...]	
		Batalha	[...] Batalha [...]	
		Celebração	[...] Celebrar [...]	
		Aliado	[...] SUS [...] [...] Universidades [...]	
		Espaço bélico	[...] Opinião pública [...] [...] África do Sul [...]	
	Temporalidade	[...] A ciência venceu essa batalha, mas a desigualdade social e imbecilidade ainda dão vitórias ao vírus [...]		
	DERROTA	Perdedor	[...]Ciência (Ciência brasileira)[...]	Vivências com políticas públicas voltadas para educação-ciência
		Oponente	[...] Governo [...]	
		Temporalidade	[...] Perdendo mais uma batalha (Perder mais essa batalha) [...]	
		Aquilo que se defende	[...] dados do censo [...]	
		Arma	[...] 90% de corte #NaoAoPL529 [...]	
	DEFESA	População civil	[...] ciência [...]	Vivências com a pandemia de covid-19 e com o processo eleitoral
		Ação defensiva	[...] Combater [...] [...] Defenderei [...]	
		Guerreiro defensor	[eu] Vou combater [...] [eu] Defenderei [...] [...] as pessoas [...]	
		Oponentes	[...] Todas as formas de [...] negacionismo (negacionismo) [...] Terraplanistas [...]	
		Comandante incompetente	[...] Inútil como ministro [...]	
		Recompensa	[...] sonhos de ir pra Marte [...] [...] Abraçar felinos silvestres [...]	
		Estratégia de guerra	[...] Quarentena [...]	
		Guerreiros imorais	[...] Turma [...]	
	ATAQUE	Ação ofensiva	[...] Ir contra a ciência [...]; [...] Foi contra a ciência [...]; [...] Ataques [...] [...]Atenta contra ela [a ciência][...]	Vivências com a pandemia de covid-19 e com o processo eleitoral
		Traidor	[...] Quem deveria defender a ciência atenta contra ela [...]	
		Oponente	[...] Governo [...] [...] Bolsonaro [...]	
		Arma	[...] Munição [...]	
Temporalidade		[...] Todos os ataques atuais [...]		

Fonte: própria autora

Apresentado o resultado obtido com o estudo do corpus, a seguir, serão expostas as reflexões finais a respeito das questões suscitadas com a investigação.

5 O fim do embate: as últimas considerações

Entre 2020 e 2022, como visto, a ciência pôde ser conceptualizada de forma variável, e, até mesmo, em alguns casos, de maneira oposta. Isto foi possível por ser a variação uma característica do próprio fenômeno de conceptualização que se inter-relaciona à perspectivação das experiências vividas pela pessoa conceptualizadora e ao acionamento de distintos elementos de *frames* constituintes de um domínio, no momento da conceptualização e da concomitante produção de linguagem acerca daquilo que se conceptualiza. Uma única metáfora, como FAZER CIÊNCIA É FAZER GUERRA, pode, então, proporcionar compreensões diversas e isto pode acarretar a geração e o uso de uma linguagem distinta para falar e também escrever sobre algo.

No caso em pauta, o estudo de expressões metafóricas constantes de postagens do *Twitter* demonstrou, entre outras possibilidades, que a experiência viabilizou que ocorressem mapeamentos diversos do domínio da GUERRA para o domínio da CIÊNCIA, de modo que, por exemplo, diante da experiência pandêmica, a ciência pôde ser compreendida como a parte vitoriosa das batalhas travadas contra seus inimigos.

E, mudando a experiência, ou, mais especificamente, diante da ausência e de cortes em investimentos em educação e no próprio fazer científico, a ciência diferentemente pôde ser entendida como alguém que precisava de ser defendido por outro alguém que lutasse por ela e ainda pôde ser vista como a parte derrotada por seus inimigos em combates.

A ambivalência de algumas conceptualizações identificadas no corpus permite inferir que a pessoa conceptualizadora, ao viver experiências díspares, envolvendo a ciência, poderá produzir alterações no acionamento dos elementos

dos *frames* requeridos para a conceptualização do fazer científico em termos bélicos, uma vez que, no momento de conceptualização de cada um dos polos dessa ambivalência (a ciência como o meio de promover a cura da covid-19 e como parte afetada pela ausência e pelos cortes de investimentos públicos), o foco de atenção de quem conceptualiza será direcionado para distintas partes do domínio/base conceptual, de modo a ser feito um ajuste focal.

No seu cotidiano, portanto a pessoa conceptualizadora poderá selecionar de modo *online* elementos dos *frames* acionados para conceptualizar a ciência em termos de guerra, o que é determinado pela experiência do momento, como aqui recorrentemente destacado; trata-se, então, de uma inter-relação entre o conhecimento estável contido na memória de longo prazo e o que é construído *online*, no tempo das experiências com a ciência, concomitantes ao momento de produção de linguagem sobre essas vivências.

E essa inter-relação entre o conhecimento estável e o conhecimento que se elabora na hora de uma vivência, decorrente das variadas formas de conceptualizar algo, pode gerar variação na maneira de expressar a conceptualização pela linguagem; logo, a inter-relação entre experiência e acionamento *online* de elementos de *frames* de um domínio conceptual estável pode promover resultados de linguagem distintos, como aqui observado.

As variadas materializações das conceptualizações demonstraram que, no corpus, ainda que haja a compreensão da ciência vivendo um estado belicoso, o padrão de organização de um *frame*, a exemplo de INIMIGO que, como já aqui expresso, implica, no mínimo, duas partes adversárias, entre outros elementos, será preenchido linguisticamente a partir das perspectivações feitas pela pessoa conceptualizadora em face das diversas vivências cotidianas.

Enfim, se uma das partes envolvidas no conflito bélico será sempre a ciência, porque é o objeto da conceptualização, no corpus estudado, a outra, a constituída por seus oponentes, poderá

mudar conforme mude também a experiência dos conceptualizadores com a ciência. Assim sendo, por exemplo, no domínio experiencial da covid-19, os seus oponentes, além de ser o governo federal, serão ainda o vírus, a doença pandêmica, mas, no domínio experiencial das políticas públicas para o desenvolvimento da própria ciência, os seus inimigos se restringem e passam a ser apenas os governos, seja a administração central do país ou mesmo a de um estado da federação.

Por fim, vale observar que os resultados aqui apresentados poderão ser ratificados ou retificados com a produção de estudos empreendidos a partir de bases de dados maiores. Além disto, cabe assinalar que o levantamento das postagens do *Twitter*, além dessas conceptualizações que emergem de um modelo cognitivo idealizado de proteção da ciência, revelou outras, emergentes de outros modelos, os quais possibilitaram conceptualizações sustentadas pelo mecanismo de ironia que, como já observado anteriormente, não foram agora discutidas por extrapolarem o escopo teórico-analítico delimitado para o trabalho de investigação realizado. Essa lacuna deverá ser sanada com posterior publicação dos resultados alcançados com o estudo desse material textual. É preciso ainda assinalar que também deverão ser socializados os resultados atinentes aos *frames* LUTA e PORTA-VOZ que não foram por ora publicizados pelas razões anteriormente já expostas.

Referências

- ALMEIDA, A. A. D. Estamos sempre em guerra? Estudo cognitivo sócio-histórico de uma metáfora da Gripe Espanhola e da COVID-19. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 69, p. 366-395, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44310> Acesso em: 02 ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i69.44310>
- CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006 [1996].
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Lingüística cognitiva*. Tradução por Antonio Benítez Burraco. Madrid: Akal, 2008.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. A relevância da noção de perspectiva conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise. *Letras*, Santa Maria, v. 27, n.54, jan./jun., p. 69-100, 2017.
- KÖVECSSES, Z. Levels of metaphor. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v. 2, n. 28, p. 321-347, 2017.
- LAKOFF, G. Política moral. *Cómo piensan progresistas y conservadores*. Tradução por Miguel Marqués. Madrid: Capitán Swing, 2016 [1996].
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002 [1980].
- LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford-California: Stanford University Press, 1987.
- SILVA, A. S. da. Gramática, cognição e sociedade: para uma gramática de significados, usos e variações. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n. 5, p. 17-32, 2019. Disponível em: (PDF) Gramática, cognição e sociedade: para uma gramática de significados, usos e variações (researchgate.net) Acesso em: 01 ago. de 2020. DOI: 10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a2.
- SILVA, A. S. da. Perspectiva conceptual e gramática. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, v. 12-1, p. 17-44, 2008. Disponível em: 2008_Perspetivacao_conceptual_gramatica (1).pdf Acesso em: 15 de ago. de 2020.
- SILVA, A. S. da.; BATORÉO, H. J. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: BRITO, A. M (Org.). *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2016. p. 229-251. Disponível em: 16-Agosto Soares.indd (up.pt) Acesso em: 15 ago. 2020.
- VEREZA, S. A metáfora na linha de frente: mapeamentos de guerra na conceptualização da pandemia de COVID-19. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 69, p. 52-89, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44288> Acesso em: 02 ago. 2022. DOI: 10.9771/ell.v0i69.44288.